

## Florestas do Isolamento

por Hugo Fortes

28 de janeiro 2021

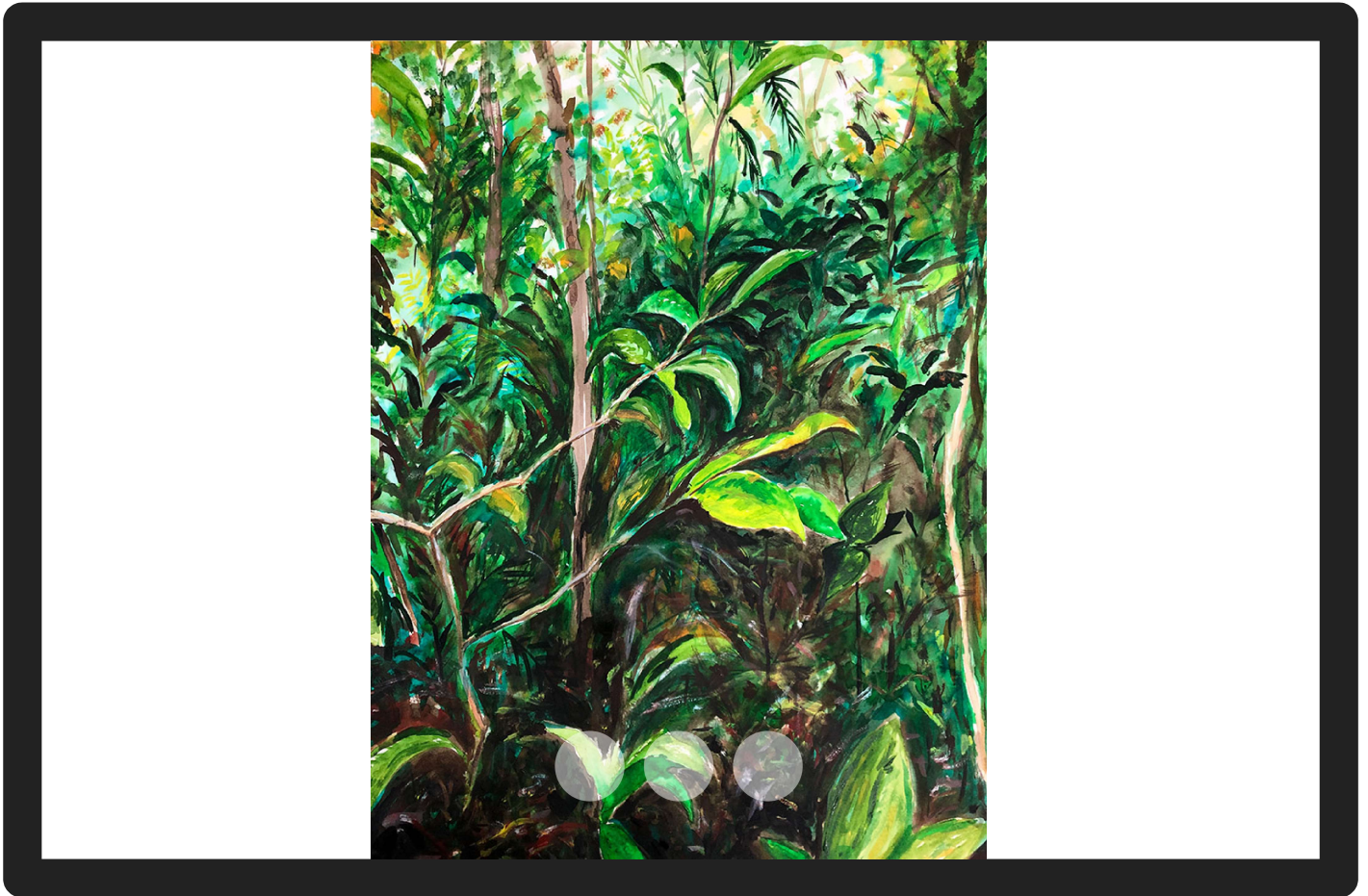
Desde março de 2020, uma significativa parcela de brasileiros passou a viver confinada em casa como forma de se proteger da pandemia do Covid-19, como ocorreu também em boa parte do mundo. Entretanto, diferentemente de outros países, no Brasil o enfrentamento da pandemia não só careceu de planejamento e organização, mas assumiu contornos genocidas através da política negacionista e irresponsável do governo de ultra-direita de Jair Bolsonaro. Ao invés de um lockdown sério e bem controlado, o que vivemos foi um autoisolamento voluntário de parte dos que podiam trabalhar à distância, enquanto uma grande quantidade de trabalhadores tinha que enfrentar as ruas, a falta de testes e de estrutura hospitalar, o desemprego e a perda de renda e a contra-informação obscurantista propagada pelo presidente e seus cupinchas, que além de não cumprirem seu dever perante à sociedade, ainda debochavam da doença e de suas vítimas.

Como se não bastasse, presos em nossas casas assistíamos incrédulos aos noticiários divulgarem cotidianamente o envolvimento da família presidencial com sórdidos casos de corrupção e bandidagem, a propagação da violência contra índios, negros e pessoas LGBTI+ inspirada pela agenda fascista governamental, o sucateamento das instituições culturais e de educação, o desabar da economia, a falta de respeito e ignorância oficial da diplomacia internacional brasileira e o avanço incontrolável da destruição da Amazônia e do Pantanal graças ao incentivo antiecológico do próprio Ministro do Meio-ambiente, entre outros escândalos.

No campo ambiental, a atuação do governo foi especialmente catastrófica, desmontando as instituições regulamentadoras, perseguindo as organizações não-governamentais que defendiam a ecologia, fomentando a exploração do território e apoiando madeireiros ilegais e latifundiários do agronegócio, negando os dados científicos e promovendo o assassinato de líderes indígenas . Embora o desmatamento já venha ocorrendo há vários anos, nunca ele foi tão incentivado e seu controle foi tão desregulamentado como no governo Jair Bolsonaro. Durante esses meses de pandemia, ouvimos em rede nacional a gravação de uma reunião entre ministros e presidente na qual o Ministro do Meio-Ambiente, Ricardo Salles, fala descaradamente que o governo deve aproveitar que as pessoas estão distraídas com o Covid 19 para “passar a boiada” da desregulamentação das leis ambientais, ou seja, permitir intencionalmente o livre desmatamento e destruição ambiental enquanto o povo está preocupado com a doença. As imagens de queimadas em todo o Brasil e do desmatamento ilegal de proporções gigantescas tornaram-se cotidianas na vida dos brasileiros. Sem poder sair às ruas para poder protestar diante desta barbáries, sentíamos-nos prisioneiros de nossas próprias casas, condenados a ouvir diariamente estes despropósitos.

Cada um encontrou suas maneiras de reagir a isso. Alguns preferiam acreditar nas sandices do governo, ignorando a pandemia e lançando-se à própria sorte e à própria morte, sem máscaras e sem empatia pelo próximo. Outros buscavam se equilibrar como podiam, tentando se proteger, mas ao mesmo tempo buscando formas de sobreviver economicamente em meio a esse caos. Entre os que puderam permanecer em suas casas havia os que tiveram que conciliar o trabalho à distância com as exigências da vida em família, os que amargaram a solidão, os que viram a violência doméstica e as separações aumentarem, os que puderam encontrar mais tempo livre para tarefas prazerosas, os que tentaram aprender ou ensinar à distância, os que tiveram que distrair seus filhos enquanto davam conta dos afazeres domésticos e profissionais, os que se afundaram nos filmes, nos livros, na bebida ou nas drogas como forma de encontrar alívio, os que se tornaram experts em lives e comunicação digital, os que protestavam até cansar nas redes sociais e os que puderam encontrar momentos de interioridade para produzir arte.

Como artista, professor e pessoa, pude experimentar várias destas sensações, tráfegando entre momentos de altos e baixos, mas agradecendo a possibilidade de poder permanecer protegido em casa e continuar exercendo minhas atividades. Em alguns períodos, encontrei tempo para desenvolver uma nova série de trabalhos artísticos, que chamei de Florestas do Isolamento.



Estes trabalhos são pinturas sobre papel inspiradas em fotografias que tirei durante uma residência artística realizada na Amazônia, em 2018. Somente 2 anos depois, pude me dedicar à produção destes trabalhos, que exigiam uma concentração difícil de ser atingida em meu cotidiano pré-pandemia. Além disso, a produção destes trabalhos me pareceu urgente neste ano em que nosso meio-ambiente foi destruído de forma tão

avassaladora e irresponsável. Cansado de ver tantas imagens de queimadas e violências, me pareceu necessário como artista criar imagens que mostrassem a vida em seu esplendor amazônico, que mesmo sob ameaça germina e floresce. Seus tons verdes vibrantes parecem querer nos lembrar que ainda resta alguma esperança, que a floresta ainda pulsa e segue sua vida ignorando os humanos que pensam poder destruí-la, sem perceber que na verdade eles estão destruindo a si mesmos. Nascidas do isolamento do artista, estas florestas imagéticas puderam alcançar os olhos de outras pessoas através das redes sociais, trazendo assim um pouco de alívio e vida àqueles que estavam exaustos de imagens de morte, fogo e violência. Estas florestas imagéticas puderam assim fertilizar os lares daqueles que se encontravam isolados proporcionando a contemplação estética como forma de aumentar a conscientização ecológica.

As Florestas do Isolamento fazem tanto referência à selva amazônica real como ao adentramento no universo das tensões psicológicas causadas pelo distanciamento social. Ao mergulhar no isolamento, encontramos florestas íntimas, que às vezes nos parecem ameaçadoras, mas são também fomentadoras de vida, criadoras de pensamentos que talvez possam nos oferecer uma visão melhor de futuro, ainda que utópica. Plantando estas árvores artísticas, posso semear minhas selvas internas e oferecer àqueles que as observam a possibilidade de beber de sua seiva e respirar um pouco do oxigênio que elas exalam, permitindo que a luz seja filtrada por suas folhas nestes tempos tão sombrios, fertilizando novamente a terra de nossos pensamentos.

Hugo Fortes é Artista Visual, Curador, Designer e Professor Associado da Universidade de São Paulo, Brasil. Já apresentou seu trabalho em mais de 15 países, em locais como George-Kolbe Museum Berlin, Galerie Artcore Paris, Columbus University USA, Assam State Museum India, Paço das Artes São Paulo, Brasil, Centro Cultural Recoleta, Argentina. De 2004 a 2006 viveu em Berlim, como bolsista DAAD para realização de estágio doutoral. Em 2006 defendeu a tese “Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea” na Universidade de São Paulo, onde atua como professor desde 2008. Sua pesquisa é voltada para as relações entre Arte e Natureza.